

Roteiros de Israel: Cultura judaica, diplomacia cultural e as crônicas de viagem de José Lins do Rego em O Globo (1944-1956)

Bernardo Buarque de Hollanda

Regiane Matos

Leandro Martan Bezerra Santos

Resumo

O artigo debruça-se sobre um segmento da produção de crônicas de viagem de José Lins do Rego, publicadas no jornal O Globo, procurando mostrar como estes escritos jornalísticos foram elevados à condição de livro em meados dos anos 1950, na esteira da visita do escritor ao recém-criado Estado de Israel e do prestígio literário angariado pelo romancista recém-eleito à Academia Brasileira de Letras. Para além de um caso isolado, restrito ao paraibano, mobilizamos outros exemplos de intelectuais – Silva Melo, Guilherme de Figueiredo, Câmara Cascudo e Érico Veríssimo – com a defesa do argumento de que Centro Cultural Brasil-Israel foi o pivô deste trânsito entre as duas nações, ao adotar a estratégia, entre os anos 1950 e 1960, da promoção de viagens de escritores brasileiros ao Oriente Médio, com vistas à projeção da cultura judaica e israelense no país.

Abstract

This article focuses on a part of the production of travel essays of José Lins do Rego, published in the newspaper O Globo, aiming to show how these journalistic texts were elevated to the condition of a book in the mid-1950s, in the wake of the writer's visit the newly created State of Israel and the literary prestige won by the novelist recently elected to the Brazilian Academy of Letters. Beyond Jose Lins do Rego's work, we mobilized other examples of Brazilian intellectuals - Silva Melo, Guilherme de Figueiredo, Câmara Cascudo and Érico Veríssimo – to argue that the Brazil-Israel Cultural Center was the cornerstone of this cultural and diplomatic transit between the two nations, by adopting the strategy, between the 1950s and 1960s, of promoting travel by Brazilian writers to the Middle East, with a view to the projection of Jewish and Israeli culture in the country..

O presente artigo procura contribuir para o dossiê *Beyond the hard news: periodical print culture in Brazil*, com um texto voltado à série de crônicas do escritor José Lins do Rego (1901-

1957), publicadas na imprensa do Rio de Janeiro entre as décadas de 1940 e 1950. As milhares de publicações foram veiculadas durante mais de uma década em *O Globo*, jornal no qual Lins do Rego inicia colaboração em abril de 1944, em participação que perdura até 1956, um ano antes de seu falecimento, que se deu em setembro de 1957.

O recorte aqui proposto circunscreve dois períodos principais: o primeiro detém-se de 1945 a 1949, quando o romancista tece comentários referentes à última fase da Segunda Guerra Mundial e à construção do Estado de Israel, mostrando-se solidário e simpático à “causa” do povo judeu. O segundo refere-se ao biênio 1955-1956, quando o escritor viaja ao Oriente Médio, a convite do Centro Cultural Brasil-Israel, e publica suas quase diárias impressões de viagem no jornal *O Globo*, entre agosto e setembro de 1955, transformando-as em livro no ano final do mesmo ano.

A compreensão das crônicas e do livro passa igualmente pelo entendimento do papel capital do Centro Cultural supracitado, criado no Brasil em 1952, na condição de órgão difusor da cultura judaica e fomentador do intercâmbio intelectual entre os dois países. A entidade surge, por sua vez, na esteira da criação do país sionista, instituído no ano de 1948, após a decisão da Assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU), sacramentada em sessão presidida pelo diplomata brasileiro Oswaldo Aranha, a 29 de novembro de 1947.

Como veremos a seguir, José Lins visitou Israel no segundo semestre de 1955, publicando onze crônicas entre 30 de agosto e 12 de setembro daquele ano. A viagem aconteceu graças a um convite feito pelo referido Centro, que seria responsável entre as décadas de 1940 e 1960 por promover o trânsito entre as duas nações, em especial nos aspectos relativos à integração das artes, da educação e da cultura. O périplo do romancista, então candidato à Academia Brasileira de Letras (ABL) – eleito a 15 de setembro daquele mesmo ano –, resultou logo depois na conversão das crônicas publicadas na imprensa em formato de um livro bilíngue, cujos títulos são *Roteiro de Israel*, em português, e *Journey to Israel*, em inglês.

Antes da apresentação e da contextualização do livro *Roteiro de Israel*, procuraremos mostrar o papel institucional do referido centro israelense no Brasil, e de que maneira a obra do escritor não está isolada na produção da cultura periodística e da difusão literária brasileira sobre o sionismo. Nesse sentido, o artigo contempla, ao lado de José Lins, uma seção específica para tratar da história do Centro Cultural e para entender outros quatro casos de intelectuais – o médico Silva Melo (1886-1973), o dramaturgo Guilherme de Figueiredo (1915-1997), o folclorista Câmara Cascudo (1898-1986) e o romancista Érico Veríssimo (1905-1995) –, que viajaram e/ou escreveram sobre Israel. Ou seja, comenta-se a existência de tais fontes importantes da literatura e do pensamento nacional, que circularam

em jornais, revistas e livros, algumas delas com centenas de páginas, e daremos esses quatro exemplos de estudos legados por literatos, contemporâneos de JLR e que também visitaram Israel nas décadas de 1950 e 1960.

A última e principal seção constitui o foco central do artigo, qual seja, o “roteiro” de José Lins do Rego, publicado na imprensa em pouco mais de uma dezena crônicas em *O Globo* e convertido em livro em dezembro do mesmo ano, 1955, tendo seu lançamento anunciado no próprio jornal. Além da forma, da mudança de suporte e das circunstâncias da obra, vamos abordar o seu conteúdo, com ênfase nas paisagens, nas cidades, nas observações sociais e, sobretudo, no elogio dos antagonismos, à moda de seu mestre Gilberto Freyre (Araújo, 1994), aquilo que o romancista considera constitutivo do país e que é destacado por ele em meados dos anos 1950.

Segundo o literato, Israel evidenciava ao visitante uma capacidade extraordinária de articular elementos antagônicos em sua realidade de jovem nação, que então contava com menos de uma década de existência. As articulações entre tradição e modernidade, passado e futuro, arte e técnica, agricultura e indústria e religião e ciência vão ser o solo da maior parte de suas considerações sobre o país.

Com uma percepção poética e apologética do que vira em Israel, José Lins enchia-se de entusiasmo naquele momento com a causa semita e sionista, divulgando sua experiência junto à opinião pública e aos leitores de *O Globo*, residentes do então Distrito Federal. Depois de publicado no suporte efêmero do jornal, o conjunto de escritos é transposto à condição de livro em formato bilíngue, a fim de alcançar um público mais amplo, no Brasil ou no exterior.

Assim, naquela conjuntura, entendia o escritor, seria possível fazer jus ao engenho humano, que demonstrava sua faculdade de reinventar a vida coletiva em terras desérticas e em tudo hostis a um povo historicamente perseguido, obrigado a dispersar-se pelo mundo, sendo alvo dos mais insidiosos preconceitos.

O artigo inscreve-se em uma agenda coletiva de pesquisas sobre a obra de José Lins do Rego (Hollanda, 2004; 2012; Santos and Hollanda, 2017; Matos and Hollanda, 2019; Matos and Hollanda, 2020), que procura dar visibilidade à produção cronística do autor, uma vez que, geralmente, os estudos acerca do escritor paraibano concentram-se nos seus romances, com exegeses adstritas aos ciclos romanescos, em termos de forma, conteúdo e de enquadramento na história literária do regionalismo nordestino. O gênero da crônica é, via de regra, secundarizado por sua fortuna crítica. Sem embargo, um olhar mais detido sobre tais escritos de jornal permite desvelar uma série de características da vida social, do

cotidiano urbano e da trajetória do romancista durante o período em que se radica na cidade do Rio de Janeiro, capital da República, entre 1935 e 1957.

O texto a seguir procura, pois, contribuir para o debate mais amplo da bibliografia de José Lins do Rego, ao apresentar a profícua e longeva publicação jornalística do autor, de modo a trazer uma nova visão da atuação, do papel e das redes de literatos na “cidade das letras”, graças à interface que a história, a imprensa e a literatura ensejam no interior da historiografia brasileira.

José Lins do Rego: entre a imprensa e a literatura de viagem

O romancista José Lins do Rego (1901-1957) é ainda pouco conhecido como cronista pelo grande público. Mesmo entre os estudiosos acadêmicos há apenas honrosas exceções entre aqueles que se dedicam à análise de sua produção cronística, tão volumosa que boa parte dela ainda permanece inédita em livro. É necessário que se deem a conhecer mais aspectos de sua vida e obra para que se entenda melhor o sentido dessas crônicas de viagem publicadas nos jornais. Nos limites deste artigo, trataremos de um tema em particular, com foco na sua visita a Israel, nos idos de 1950.

De origem nordestina, José Lins do Rego radicou-se no Rio de Janeiro em 1935, levado à capital da República em decorrência do sucesso de vendagem de seus primeiros romances. Estes seriam projetados pela José Olympio, editora que se consagraria como uma das mais importantes na legitimação da literatura e da cultura no Brasil do século XX.

Ao longo da década de 1930, o autor lançaria uma obra por ano, emulado pelo prestígio das vendas angariadas nas livrarias do centro do Rio, notadamente na tradicional Rua do Ouvidor. Seus romances traziam a marca memorialística e o frescor narrativo do Nordeste canavieiro e sertanejo, em livros de caráter cíclico, intitulados Ciclos da Cana-de-Açúcar, do Misticismo, do Cangaço e da Seca. Ao lado de Jorge Amado, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, o romancista fixaria as bases do que se convencionou chamar o “moderno regionalismo nordestino”. Este contaria com o amplo apelo do imaginário rural na vida urbana nacional, pois o país assistia naquele momento a um forte impulso de urbanização e de industrialização.

Durante os anos 1940 e 1950, processa-se uma mudança, para não dizer uma guinada, na produção literária de José Lins do Rego. Seus livros romanescos tornam-se mais espaçados, na esteira do aparecimento de sua obra-prima, *Fogo morto* (1943). Até mesmo quando se tratava de um romance como *Cangaceiros* (1953), sua forma de publicação é o folhetim, recurso literário que remontava aos escritores do século XIX, por intermédio da revista *O Cruzeiro* e com ilustrações do notório pintor Candido Portinari.

No lugar da ficção, passam a sobressair seus artigos de jornal, veiculados nos mais importantes periódicos do Rio e de São Paulo. Sabe-se que sua colaboração já era frequente na imprensa do Recife e de Maceió nos anos 1920 e 1930, mas nas décadas seguintes suas colunas adquirem maior projeção, inseridas no meio jornalístico da capital da República. Na capital, e mesmo em São Paulo, colabora em diversos jornais. De forma regular, seus escritos são veiculados em três periódicos: *O Globo*, *Diários Associados (O Jornal)* e *Jornal dos Sports*. A colaboração deriva de contatos pessoais entretidos com os respectivos proprietários desses veículos, quais sejam: Roberto Marinho d’*O Globo*; Assis Chateaubriand d’*O Jornal* e Mário Filho do *Jornal dos Sports*. Este último conhece Lins do Rego na redação de *O Globo*, em 1944, levando-o ao seu periódico esportivo no ano seguinte, por meio de coluna dedicada ao futebol, intitulada “Esporte e vida”.

Em paralelo às publicações diárias nos jornais, José Lins começa a se fazer conhecer pela reunião de livros de crítica literária, de crônicas e de ensaios. Entre os mais conhecidos estão *Gordos e magros* (1942) e *Poesia e vida* (1945). As crônicas de viagens também avultam em sua produção, à medida que o então “provinciano” vai se tornando “cosmopolita”. Depois de fazer a primeira viagem internacional em 1943, ao Uruguai e à Argentina, lança o opúsculo *Conferências no Prata* (1946). Em 1950, realiza sua primeira viagem com destino à Europa e dá início a uma série de peregrinações pelo continente. A convite do consulado francês visita Paris, cidade recomposta após a Segunda Guerra e o descalabro da ocupação nazista. De trem, ainda naquele mês de maio de 1950, conhece o sul da França. Nas províncias francesas, descreve castelos, vinhos, paisagens e histórias de várias cidades, como Menton, Antibes, Nimes, Camargue, Angers e Avignon. Reunidas em livro, as crônicas seriam publicadas em 1952, com o título *Bota de sete léguas*, onde se coligem também descrições dos traslados à Escandinávia e a Portugal realizados em 1951.

Depois do convite feito pelo governo francês, fez viagens turísticas frequentes no decorrer dos anos 1950. Nelas, José Lins se deparou com praias e ilhas, museus e templos históricos. Em 1952, visita a Itália e descobre as diversas faces de suas cidades: Veneza, Florença, Pompéia, Capri, Gênova, Siena e Roma. Já em 1954, conhece a Grã-Bretanha, a Alemanha e a Suíça. Faz um grande périplo pela Europa, em lugares como Lisboa, Porto, Ilha da Madeira, Córsega, Paris, Londres e Roma. Tudo é registrado em suas crônicas e publicado em jornais brasileiros. Foi ainda duas vezes à Grécia. A primeira vez em 1955 e a segunda em 1956, ocasião em que permaneceu por três meses. O autor de *Meus verdes anos* conheceu as ilhas que pontilham a bacia do mar Egeu, fez expedições a Delfos, descreveu a luminosidade marítima do país, sentiu a presença do passado e tratou de meditar sobre as belas páginas de história da arte, mitologia e civilização que ali se descortinavam.

Assim, de um conjunto de viagens a Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Grécia e Itália resultam livros em que reúne os seus curtos apontamentos. De uma espécie de diário de bordo vêm a lume *Bota de sete léguas* (1952), *Gregos e troianos* (1957) e parte de *O vulcão e a fonte* (1958) – este último, obra póstuma. Nesses três livros, José Lins do Rego discorre não apenas sobre a paisagem de terras distantes, mas reflete com gravidade sobre temas relativos à condição humana. Em “páginas coruscantes de lirismo e de imagens”, o autor palmilha as terras milenares das antigas civilizações greco-romanas e judaico-cristãs, sonda os fenômenos da criação artística e literária, descreve homens em fatos corriqueiros e em situações fortuitas do cotidiano.

Para além do turismo, que se tornava cada vez mais comum nos anos de 1950, o que parece estar em jogo nessas impressões de viagem são também as questões que permeiam suas antigas concepções sobre a relação entre a arte e a vida, o homem e a história, a natureza e a “alma dos povos”, tendo, com frequência, como contraponto e como pano de fundo as reminiscências de seu torrão natal, a Paraíba. Sobre tais impressões de viagem o poeta e amigo alagoano Lêdo Ivo assim se refere na introdução ao livro póstumo *O vulcão e a fonte*, republicada com o título “A prosa reencontrada” na *Revista Brasileira*, publicação da Academia Brasileira de Letras:

O viajar de José Lins do Rego revigora a sua condição de clássico da língua, colocando-o ao lado de outros brasileiros que souberam ver a diversidade do mundo, como Joaquim Nabuco e Oliveira Lima, Eduardo Prado e Alceu Amoroso Lima, Ribeiro Couto e Érico Veríssimo. É o andar e flunar de viajantes que não ficaram encerrados nos quartos de hotéis ou sitiados pela algaravia dos seminários e congressos literários ou científicos, e souberam respirar o ar estrangeiro. E, depois, guardar essa respiração e convertê-la em visões e estampas iluminadas. (Ivo, 2004, p.149).

Ecos da Segunda Guerra Mundial: a solidariedade do cronista aos judeus

Menos de uma década depois de fundado o Estado de Israel, o que ocorreu em 1948, José Lins é convidado pelo Centro Cultural Brasil-Israel para conhecer o país. Em agosto de 1955, o escritor visita várias regiões do território israelense no Oriente Médio, dentre elas Jerusalém, futura capital para os israelenses e famosa por suas terras sagradas e milenares. Durante o périplo, tem ainda a oportunidade de conhecer a realidade de um *kibutz*, as comunidades coletivas de produção agrícola do interior do país. Segundo testemunhas, a iniciativa do convite derivou das crônicas publicadas por ele na imprensa do Rio de Janeiro,

durante a Segunda Guerra Mundial e por ocasião da fundação de Israel, em fins dos anos 1940.

Em busca de tais indícios, após compulsar as quase duas mil crônicas publicadas ao longo de doze anos – entre 1944 e 1956 –, localizamos mais do que as onze publicações da viagem de José Lins a Israel, em agosto e setembro de 1955, presentes no livro. Constatou-se que, em realidade, foram ao todo dezenove crônicas dedicadas ao país do Oriente Médio, oito delas portanto não incluídas na obra que sucedeu a publicação nos jornais. Isto porque, três meses depois da série diária que reportava a viagem, o autor volta ao tema entre 09 e 17 de dezembro daquele mesmo ano, inclusive com outras seis crônicas intituladas igualmente “Israel – país de homens livres”, nas quais volta às reminiscências da visita.

É provável que o retorno ao tópico esteja ligado à publicação do opúsculo *Roteiro de Israel*. Um mês antes, a 04 de novembro de 1955, o escritor dá notícia no jornal da iniciativa editorial de publicação daquele livro, sob a chancela do Centro Cultural Brasil-Israel, patrocinador da viagem e da obra, na crônica intitulada “Israel é uma lição”. A pista mais provável para o suposto “convite oficial” associado a declarações públicas do escritor na imprensa remonta a publicações pretéritas à viagem. Em 1949, por exemplo, sai na coluna de JLR em *O Globo* a crônica “Israel ressurge”. Nela o escritor alude à visita a uma exposição cultural – não há referências ao museu ou local no Rio de Janeiro em que a mesma aconteceu – sobre o novo Estado de Israel, criado havia menos de dois anos. O tom da crônica de 28 de maio de 1949 é de extrema simpatia e de apologia ao “feito” do sionismo, como se pode perceber na reprodução fac-símile a seguir:



Fac-símile da crônica "Israel ressurgue".

Rego, J. L. (1949). 'Israel ressurgue', *O Globo*, 28 maio. Disponível em:

<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=194019490528>. Acesso em: 13 abr. 2020.

A procura por mais elementos indiciadores da hipótese da viagem vinculada às suas crônicas em *O Globo* levou-nos às primeiras publicações de sua coluna, em meados da década de 1940. A quantidade de crônicas e a enorme variedade dos assuntos abordados pelo escritor foram um empecilho para a identificação, dada a infinidade de temas, da literatura à política, do futebol ao cinema, entre outros assuntos, mais ou menos comezinhos em seus textos diários. Sem embargo, tendo o escritor iniciado sua colaboração em 1944, encontramos cinco crônicas, publicadas entre 1945 e 1947, nas quais José Lins faz alusão à causa semita e sionista.

A primeira delas acontece ainda durante a Segunda Guerra Mundial, a 28 de maio de 1945, com o título "Carne de judeu". A crônica narra o encontro com um amigo embaixador, que estivera na Europa, mais precisamente em Bucareste, capital da Romênia, e relata as atrocidades genocidas cometidas pelo fascismo na luta pelo poder e na opressão contra um povo milenar. Um mês depois, ainda em meio ao conflito bélico de proporções

internacionais, José Lins publica “Heine salvará a Alemanha”, mais precisamente a 12 de junho.

A crônica salienta a capacidade da poesia de sobreviver aos autoritarismos ao longo da História e de vencer afinal a soberba dos tiranos. Para tanto, equipara Guilherme II, último imperador alemão e rei da Prússia, ao ditador e “bárbaro” Adolf Hitler. Depois de contextualizar as circunstâncias históricas do exílio de Heinrich Heine, poeta judeu de Dusseldorf cuja estátua seria ultrajada durante a Segunda Guerra, o cronista encerra seu texto chamando os nazistas de “gângsteres” e dizendo que a memória do *Führer* “fediu mais do que seu cadáver”.

A terceira crônica localizada nos arquivos de *O Globo* traz o título “Goethe vencerá Nuremberg”. Sua data é de 03 de outubro de 1946, já terminada, pois, a hecatombe beligerante, com o relato dos tribunais militares instalados pelos Aliados naquela cidade germânica para apurar os crimes de guerra do nazismo. A estratégia retórica de José Lins é semelhante à do texto anterior, com a contraposição entre a alta literatura alemã – evocam-se escritores do porte de Goethe e Thomas Mann – e a mesquinha política nazista. A crítica é ainda mais contundente nesta crônica, com referência à “fúria assassina” dos “monstros de Nuremberg”. Mas, em sinal de esperança, o “sol” da poesia é contraposto ao “pavor das noites nazistas”.

Cerca de duas semanas depois, em 18 de outubro, Lins do Rego volta à carga nas suas crônicas contra o nazismo, com o título “O carrasco não curou a doença”. Nela, o autor repercute revelações da imprensa internacional com detalhes das execuções e atrocidades cometidas pelos “sinistros criminosos”. Mostra-se ainda mais estupefato no texto ao identificar que, mesmo após todos os crimes que eram revelados, ainda havia fascistas no Brasil a acreditar em Hitler e nos arianistas alemães.

A quinta e última crônica relacionada ao tema vem a lume pouco mais de um ano depois, em 27 de novembro de 1947. A data é próxima, podemos inferir, à aprovação da Assembleia das Nações Unidas sobre a criação do Estado de Israel, e a coluna intitula-se “O judeu como imigrante”. O texto aborda a história da presença semita no Brasil, a partir de um parecer expedido pelo Conselho de Imigração e Colonização, durante o período do Estado Novo. O autor elogia o teor do documento, a seu juízo bem fundamentado, capaz de superar uma série de equívocos interpretativos do antissemitismo pregado por Hitler e seus reflexos no país.

Nesse sentido, o historiador Fábio Koifman em seu livro *Imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)* indica que entre os anos de 1941 e 1945 funcionou o Serviço de Visto do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, tomando

a responsabilidade da função antes exercida por um departamento do Ministério das Relações Exteriores, no Palácio do Itamaraty. Nesse período houve uma política severa na emissão de vistos, excluindo inclusive judeus que naquele momento encaravam o nazifascismo. Assim, é curioso que dois anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial o Conselho de Imigração e Colonização, diretamente ligado à Presidência da República, ter publicado o parecer sobre a história da presença semita do Brasil mencionado acima.

Com efeito, de posse dos elementos acima mencionados, temos condições de avançar no artigo, com base razoável para supor que o convite a José Lins do Rego por parte do Centro Cultural originou-se desse conjunto de escritos dedicados à causa judaica no Brasil. É importante reiterar que o levantamento realizado por esta pesquisa limitou-se às publicações n' *O Globo*, mas que outros periódicos também podem trazer mais luz ao tópico, na revelação de outras crônicas assinadas pelo paraibano em exame.

Os intelectuais brasileiros e o Centro Cultural Brasil-Israel

Feita a contextualização das crônicas de José Lins do Rego e localizadas as referências de sua colaboração na imprensa acerca dos judeus na esteira da Segunda Guerra, passamos à terceira seção deste artigo. O propósito agora é perceber o papel mediador do Centro Cultural Brasil-Israel e sua influência na visita de personalidades brasileiras àquele país do Oriente Médio. Assim, teremos condições, no tópico seguinte, o principal, de tratar dos escritos de José Lins em sua viagem a Israel, tal como publicados em crônicas e transpostos em livro.

O volume de textos assinados por intelectuais brasileiros acerca de Israel no período examinado nos chama atenção. Consideram-se aqui “intelectuais” em sentido lato, isto é, não apenas os artistas e os escritores, como também os pensadores e os cientistas, em termos mais abrangentes. As décadas de 1950 e 1960, em particular, podem ser consideradas expressivas na conformação de uma bibliografia específica produzida por representantes da *intelligentsia* nacional.

Tal informação saltou à vista quando nos propusemos a fazer um levantamento da produção literária concernente ao tema em tela. De início, como tínhamos ciência apenas do livro de José Lins do Rego, decorrente de suas publicações em *O Globo*, supúnhamos encontrar poucas referências sobre o território israelense entre autores de língua portuguesa. Em contrapartida, os quatro exemplos a seguir evidenciam a presença significativa de obras de literatos brasileiros sobre Israel. Em virtude disso, a revisão dessa suposição de escassez implica em uma nova indagação sobre a frequência e a quantidade dessas publicações. Duas hipóteses podem ser apontadas a este respeito.

Em primeiro lugar, é possível perceber um notável investimento, feito pela comunidade judaica no Brasil, no apoio à viagem de escritores brasileiros ao Oriente Médio. Tal empenho teve em vista a sensibilização da intelectualidade local para a causa deste Estado, pouco depois do reconhecimento de sua independência, no final dos anos 1940. A segunda hipótese refere-se ao próprio *métier* dos literatos, que têm na escrita a sua matéria-prima. Ora, o interesse nesse segmento justifica-se na medida em que os escritores são capazes de fazer das viagens mais do que meros passeios turísticos. Para quem lida com o ofício da escrita, trata-se de uma ocasião propícia para o exercício narrativo, com a descrição e a reelaboração daquilo que se desenrola diante de suas vistas.

Sendo assim, trabalha-se aqui com a ideia de que os escritores brasileiros foram incentivados a conhecer a jovem nação, recém-emancipada, dadas as suas legitimidade e notoriedade como artistas. Trata-se de um prestígio autoral a ser convertido na própria representação da nação, à medida que a experiência em Israel se materializa sob a forma de artigos ou de livros, dois veículos, como se sabe, conformadores da opinião pública. Além disso, está em jogo a potencialidade do registro literário na propagação de uma imagem positiva do recente país, algo que os judeus radicados no Brasil provavelmente almejavam no interior da comunidade científica e intelectual das décadas de 1950 e 1960. Se estes dois aspectos hipotéticos não podem ser comprovados, nem podem ser aferidos sem uma investigação mais exaustiva, é possível levantar esse ponto de partida ao observarmos a criação do Centro Cultural Brasil-Israel e a sua proposta de intercâmbio entre os dois países.

No Rio de Janeiro, a entidade foi criada em 1952, como resultado de um comitê existente desde 1946 na então capital da República. Este visava influir na campanha pela formação do Estado sionista junto ao governo brasileiro. A sede escolhida para o *Centro* foi o salão da Biblioteca do Palácio do Itamaraty, lugar estratégico, por conseguinte, para a influência diplomática. Em 1955, o *Centro* foi inaugurado também em São Paulo e teve por representantes professores universitários do porte de Fernando de Azevedo, Lourival Gomes Machado, João Cruz Costa, Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Candido. Nos anos seguintes, conforme informação da *Enciclopédia Judaica*,¹ centros homônimos foram criados também nas cidades de Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife. Uma lista considerável de intelectuais, expoentes das letras e das artes nacionais, compunha os diversos centros culturais. A título de exemplo, citam-se alguns nomes: o educador Anísio Teixeira, o acadêmico Raymundo Magalhães Júnior, o historiador Pedro Calmon, o ensaísta Hermes Lima, a poetisa Anna Amélia Carneiro de Mendonça, o cientista Álvaro Alberto, o

¹ Agradecemos à Ariadne Jacques, representante da Aliança Cultural Brasil-Israel, a gentileza do acesso a essa informação constante da referida Enciclopédia.

advogado San Tiago Dantas, o jornalista Herbert Moses e o escritor Peregrino Júnior, entre inúmeros outros.

A importância dessa entidade no Brasil chega a ser reconhecida pela ministra das Relações Exteriores de Israel, a Sra. Golda Meir, incluída pelo escritor Érico Veríssimo no rol das “personalidades cósmicas”. A líder do partido trabalhista Mapam, nascida em Kiev, viria a ser mais tarde Primeira Ministra e, ela própria, autora do livro memorialístico *Minha vida*, publicado em português no ano de 1976, pela Bloch Editores. De acordo com Cecil Roth, na enciclopédia acima citada:

O Centro Cultural Brasil-Israel tem cooperado grandemente no incentivo do intercâmbio cultural entre os dois países, e graças à sua atuação vários escritores, artistas e cientistas brasileiros visitaram Israel (Cecília Meireles, José Lins do Rêgo, Cândido Portinari, Heitor Villa-Lobos, Carlos Chagas Filho). (Roth, 1967, p.7).

Assim, pode-se supor que uma das políticas culturais do *Centro* consistiu no convite a personalidades da cultura brasileira, com vistas à promoção e à divulgação da realidade israelense. A poetisa Cecília Meireles, citada pela Enciclopédia entre os visitantes, por exemplo, traduziu para a língua portuguesa os poemas de Lea Goldberg, lituana radicada na Palestina desde 1935. Embora em menor proporção, é válido mencionar que o mesmo intercâmbio foi feito em sentido inverso. Cientistas e pesquisadores israelenses também foram convidados pelo *Centro* a conhecer o Brasil, como ocorreu com o professor e médico Bernardo Zondek, que visitou o continente sul-americano nos anos 1950.

Neste contexto, vamos então mencionar alguns exemplos. Um dos membros do Centro Cultural a visitar Israel foi o médico, professor e ensaísta mineiro Antônio da Silva Melo (1886-1973). A convite do *Centro*, o escritor chegou a Tel Aviv no mês de maio de 1955 e durante duas semanas percorreu “o mais novo país do mundo”, tendo ocasião de proferir diversas conferências e de conhecer as suas principais regiões.

Seis anos depois, em 1961, Silva Mello lançou a obra *Israel: prós e contras*, para a importante editora Civilização Brasileira. A editora, dirigida por Ênio da Silveira, era conhecida por suas posições progressistas à esquerda, em um instável contexto político nacional, durante o governo João Goulart, marcado ainda pelos maniqueísmos e pelas tensões da Guerra Fria em âmbito internacional. O livro foi publicado quando o autor já havia conquistado a láurea de “imortal” pela ABL, em 1960, e se destacava por uma respeitada obra na área de nutrição e de educação alimentar. Silva Melo, que fora colega de Einstein em sua juventude em Berlim, escreveu essa obra procurando dotá-la do maior número de informações objetivas e de impressões pessoais possíveis.

Dessa maneira, a mesma pode ser considerada uma das mais aprofundadas em língua portuguesa sobre Israel. Com quase quatrocentas páginas, e um total de dezessete extensos capítulos, o livro apresenta um vasto panorama, amparado em dados estatísticos, em fontes bibliográficas e em informações históricas sobre economia, história, política e cultura do povo hebreu – aliás, *hebreu*, “povo do outro lado do rio” ou “povo que cruzou o rio (Eufrates)”. No decorrer de cinco anos, o autor dedicou-se à escrita desse livro que conta com uma pormenorizada pesquisa e com dados colhidos junto à Embaixada de Israel no Brasil. A estrutura do trabalho entremeia assim uma caracterização histórica, antropológica e sociológica da vida em Israel. Segundo o editor, a obra constitui uma “verdadeira radioscopia social, cultural, ecológica do jovem Estado israelense” e focaliza “aspectos religiosos, políticos, econômicos, turísticos, artísticos e humanos, num amplo sentido”.

Junto à densidade da pesquisa feita por Silva Melo, o relato segue a cronologia tradicional de um diário de bordo. Assim, a cada dia, os apontamentos objetivos da agenda davam início aos capítulos. A programação organizada pelo *Centro* é enumerada, conforme vem relatado:

Programa do terceiro dia de estada em Israel, terça-feira, 24 de maio: 10 horas da manhã: entrevista com o senhor Kleinfeld, Conselheiro de Nutrição do Comércio e Indústria; 11 horas: entrevista com o Ministro da Agricultura, Sr. Peretz Naftali; 11:30: visita à Faculdade de Medicina; 13h30: almoço oferecido pela Associação Cultural Brasil-Israel. À tarde: passeio pela cidade. À noite: jantar oferecido pelo Professor Bernardo Zondek. (Silva Melo, 1961, p.40).

Na sequência da publicação do livro de Silva Melo, não demoraria a aparecer uma outra obra resultante da viagem de um escritor a Israel. Em 1965, o teatrólogo, romancista e crítico literário Guilherme de Figueiredo (1915-1997) lançou *Deus sobre as pedras: Israel*. A dificuldade de acesso à obra – e mesmo à capa do livro, que não pode ser reproduzida aqui –, esgotada desde meados dos anos 1960, fez com que recorrêssemos ao breve artigo de Filipe Amaral de Rocha Menezes (2010), mestre em Letras pela UFMG, na busca por mais informações. Com base na descrição de Menezes, sabe-se que Guilherme de Figueiredo, irmão do ex-presidente João Figueiredo, esteve em Israel entre 1963 e 1964, mas não é possível precisar as razões que o levaram ao Oriente Médio nem o formato e a extensão do livro.

O conteúdo da obra, no entanto, é sumarizado, com a narração dos locais históricos visitados pelo escritor, dos aspectos da vida artística do país e do contraste geracional percebido pelo autor entre as ondas dos imigrantes pioneiros – as *aliyah* – e a juventude já

nascida em Israel, considerando-se aí um possível *gap* entre o modo de ser judeu e o modo de ser israelense, então em formação. Os hábitos e costumes dos israelenses que mais atraem o interesse do autor também aparecem na narrativa, com passagens sobre a língua, a religião, a alimentação – a “exuberante comida mediterrânea” –, o casamento e a moral. O teatrólogo se entretém nos comentários acerca do *shabbat*, da *mezuzá*, do *kipar*, bem como da típica fazenda comunitária israelense, os *kibbutzim*, e das famosas comunidades rurais, os *mochavim*.

Na condição de dramaturgo e crítico teatral, Guilherme de Figueiredo assiste a três peças em cartaz no circuito de teatro contemporâneo israelense. A dramaturgia ocupa um local de destaque no país, com um repertório que inclui o iídiche e o hebraico. Tel Aviv possui diversas companhias profissionais, como a *Habima*, que encena dos gregos a Shakespeare, de Molière a Ibsen, de Beckett e Ionesco a Brecht. O escritor se deleita igualmente com os vitrais das ‘Doze tribos’, obra-prima de Marc Chagall, exposta na sinagoga do Hospital *Hadassah*, da Universidade de Jerusalém. Ao final são descritas as paisagens citadinas que descortina: um passeio por *Meah Shearim*, o bairro ortodoxo de Jerusalém, então dividida entre os exércitos jordanianos e israelenses; Tel Aviv, com seus hotéis americanizados, e Jafa, a cidade milenar do tempo dos faraós egípcios, onde, segundo o relato bíblico, o profeta Jonas teria engolido a baleia; a aridez do deserto de Neguev – palavra derivada do verbo hebreu que significa ‘secar’ – e o azul e branco do hipersalgado Mar Morto, outrora conhecido como Mar de Sal; e, por fim, o Chipre, ilha ao sul da Turquia que Guilherme de Figueiredo denomina “o México dos israelenses”.

O terceiro exemplo a ser aqui levantado é o texto de Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), tido como o maior folclorista do Brasil. Trata-se de um artigo publicado um ano depois do livro de Guilherme de Figueiredo e intitulado “Motivos israelitas na tradição brasileira”. O ensaio foi publicado em 1966 na revista *Comentário*, que consistia à época no periódico do Instituto Brasileiro-Judaico de Cultura e Divulgação. O texto seria republicado em 1984 no livro *Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil*, graças à iniciativa do editor de origem judia Jacó Ginzburg, da Editora Perspectiva.

Se o trabalho não resultou de uma viagem ao Estado de Israel, o caso é válido de menção, pois foi promovido por um centro de divulgação da comunidade judaica no Brasil. Ademais, a referência vale por se tratar de Câmara Cascudo, nome de peso no cenário das letras nacionais. Autor de uma centena de obras, o estudioso se destaca pelo monumental *Dicionário do folclore brasileiro* (1952). O texto em questão, “Motivos israelitas”, é bastante peculiar, uma vez que procura rastrear, em meados dos anos 1960, a presença histórica dos judeus no Brasil, bem como sua sobrevivência no imaginário coletivo popular.

Câmara Cascudo acompanha no ensaio o ambiente de perseguições do Santo Ofício aos judeus na Península Ibérica, bem como as razões que os levaram ao Brasil, provenientes das mais diversas latitudes. Além de Portugal e Espanha, historicamente trasladaram-se judeus vindos dos Países Baixos, dos Bálcãs, da Alemanha e, sobretudo, da Polônia. O folclorista elenca os traços anedóticos a que a comunidade judaica foi associada em terras americanas, desde as superstições, os ditados populares e os gestos até os modos típicos de sepultamento trazidos pelos judeus. Em adição, o autor potiguar discorre sobre os principais fatos vivenciados por aqueles imigrantes a partir do século XVI.

Por fim, Câmara Cascudo avalia o processo de assimilação paulatina e, ao mesmo tempo, a reprodução de estereótipos vindos de além-mar. Na condição de “povo que teima em viver, obstinado e prolífero”, o autor conclui pela sua integração à sociedade brasileira:

No correr dos séculos XVIII e XIX, o judeu dissolveu-se no sangue nacional, pelo casamento cristão, pelo abrandamento temperamental, pela ausência de motivos exasperadores de sua fé e modos. Acima de tudo, pela conquista social nas áreas econômicas. Não se tornou, porém, um quisto, mas um afluente de tranquila e perene colaboração humana. (Cascudo, 1984, p.113).

O último exemplo que compõe essa sessão é o livro *Israel em abril*, do romancista gaúcho Érico Veríssimo (1905-1995), publicado pela Editora Globo. Sendo um dos maiores nomes da literatura brasileira, a qualidade literária desta obra pode ser percebida pelas sucessivas reedições a que assistiu desde o seu lançamento em 1969. Mais recentemente, em 2010, a editora Companhia das Letras publicou a décima edição do livro, com ilustrações, fotografias e um esmerado acabamento editorial. Enquanto o livro de Silva Melo, o primeiro aqui tratado, se caracteriza pela quantidade de informações levantadas sobre o país ao longo de quatrocentas páginas, a obra de Veríssimo se destaca pela excelência da escrita do autor da trilogia *O tempo e o vento*.

Assim como Silva Melo, que viajara a Israel em 1955, mas só publicara a obra em 1961, Érico Veríssimo esteve no Estado israelense durante dezenove dias do mês de abril de 1966, mas só veio a publicar a redação final três anos depois. A distância temporal revela a dedicação de Veríssimo, que investiu em uma vasta pesquisa sobre o judaísmo e produziu um trabalho de fôlego, com quase trezentas páginas. Depois de escrever livros dedicados a países – dois sobre os Estados Unidos e um sobre o México – *Israel em abril* é seu quarto e último livro consagrado a descrever sensações e experiências em terras estrangeiras.

No caso de Veríssimo, o intervalo entre a viagem e a publicação do relato não impediram a reprodução minuciosa de seus manuscritos, que buscaram “transmitir

fielmente” as impressões da viagem. Nas quase três semanas de jornada, esteve em Acre, Aco, Beersheba (“espécie de portão de entrada para o deserto do Neguev”), Cafarnaum, Haifa (em cuja universidade colaborou o arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer), Jerusalém, Massada, Nazaré, Sefad, Sharom, Tabga, Tel Aviv e Tiberíades.

O romancista de *Incidente em Antares* reconstitui diálogos, situações, cenários e personagens, revividos como “pinturas verbais”, na “forma de sumárias aquarelas”. Segundo a pesquisadora Luciara Lourdes de Assis (2010, p. 80), o perfeccionismo literário-pictórico faz com o relato adquira um frescor e uma novidade: “como se ele estivesse vivendo e registrando naquele instante”. Como as viagens dos brasileiros que o antecederam, a de Veríssimo teve caráter oficial, graças ao convite do Ministério de Negócios Estrangeiros. Ao lado de sua mulher Mafalda, o autor foi recepcionado por Alexandre Dothan, adido cultural da Embaixada de Israel no Rio de Janeiro.

Na condição de convidado, fez conferências sobre literatura brasileira e foi recebido por David Ben-Gurion, herói de libertação e primeiro chefe de governo de Israel. Encontrou-se também com o então presidente da república Zalman Chazar, com quem Veríssimo simpatizou imediatamente, em decorrência do fato de Chazar ser, além de político, um poeta de ofício.

O caráter oficial da viagem provavelmente fez com que Veríssimo se concentrasse, conforme sugere a pesquisadora acima citada, em “pintar a paisagem de Israel”, evitando polêmicas. A simpatia para com o povo judeu não implicava em antipatia pelos árabes, de quem guardava afeição desde a infância, após a leitura d’*As mil e uma noites*. Concentrando-se na pintura de Israel, Veríssimo reconhecia a “complexidade dos hebreus – a minoria mais verbal, polêmica, brilhante e ruidosa da espécie humana”. Depreende-se do livro de Veríssimo sentimentos de afeição e inclinação pela causa da fundação do Estado de Israel. Ao lado da reparação histórica ao povo judeu, a Israel da década de 1960 representava ainda uma esperança de conciliação entre democracia, justiça social e tolerância cultural. Por fim, cabe apontar mais uma informação levantada também por Luciara Lourdes de Assis (2010). A pesquisadora lembra que o filho de Érico, o também escritor Luís Fernando Veríssimo, visitaria Israel quarenta anos depois, em 2007, também a convite da Confederação Israelita do Brasil e da Embaixada de Israel no Brasil, sendo seu pai homenageado nessa ocasião.

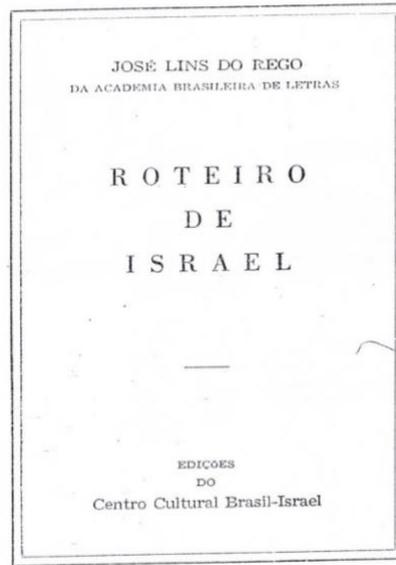
A Israel de José Lins do Rego: das crônicas de jornal ao livro impresso

Vale ressaltar que os escritores destacados no item anterior foram não só contemporâneos de José Lins, como igualmente seus amigos e/ou colegas, com quem o romancista paraibano manteve relações pessoais. O autor de *Menino de engenho* foi bem

próximo de Silva Melo, conheceu tanto Guilherme de Figueiredo quanto Câmara Cascudo, e manteve uma relação fraternal com Érico Veríssimo, com quem se correspondia por meio de cartas. Embasados nos quatro autores citados anteriormente, podemos constatar que *Roteiro de Israel*, alicerçado nos textos jornalísticos repercutidos junto à opinião pública carioca de meados dos anos 1950, não está isolado nem é fruto de um acaso idiossincrático. Esse conjunto de livros constitui, assim, um dos subprodutos de uma política institucional, ou mesmo de uma política de Estado. Esta buscou, subjacente à ideia de “intercâmbio cultural”, – dentro do que hoje, em jargão de Relações Internacionais, chama-se *soft power* – construir uma imagem de nação junto à intelectualidade brasileira dos anos 1950 e 1960.

Não é possível precisar ao certo as circunstâncias do convite do Centro Cultural Brasil-Israel a José Lins do Rego. Sabe-se que este visitou aquele país em agosto e setembro de 1955, durante duas semanas. No início dos anos 1940, conforme já escrutinado neste artigo, muitos artigos de José Lins teriam sido veiculados em periódicos nacionais, com a defesa da causa judaica durante a Segunda Guerra e com o repúdio às atrocidades perpetradas na Europa pelo nazismo, manifestas em *O Globo*. A conjectura de que partimos é que o gesto de apoio teria ficado na lembrança da comunidade judaica no Brasil e resultou no convite que lhe foi feito em meados dos anos 1950.

A viagem a Israel em 1955, portanto, inscreve-se em determinado momento da vida e da produção literária do escritor, em que este já havia conquistado reconhecimento, levando-o em seguida à eleição para a ABL, quando as crônicas são vertidas sob a forma de livro pelo referido Centro Cultural. Fica evidente seu cunho diplomático, por intermédio do consulado de Israel no Brasil, e a publicação tanto em português quanto em inglês são indício cabal disto. Destarte, as onze crônicas de *O Globo* são selecionadas e publicadas em livro, com o título de *Roteiro de Israel*.



Capa de Rego (1955) *Roteiro de Israel*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Brasil-Israel.

Diferente das obras de Silva Melo e de Érico Veríssimo, as crônicas de José Lins não foram concebidas previamente para uma publicação em livro. Elas foram publicadas quase em concomitância com o momento em que foram redigidas, para a sua coluna no jornal *O Globo*. A iniciativa da publicação, por sua vez, vem explicada no pórtico do livro, a cargo das Edições do Centro Cultural Brasil-Israel:

O Centro Cultural Brasil-Israel julgou de seu dever perpetuar, neste livro, as crônicas em que José Lins do Rego fixou, na imprensa diária, as suas impressões de Israel. A homenagem, se homenagem há, é menos há José Lins do Rego, do que ao espírito que une uma das mais novas culturas, a brasileira, à milenária cultura da mais jovem nação do mundo. Israel e seu esforço criador, em meio ao 'sea of troubles' da sua extraordinária história contemporânea, são vistos, nestas páginas, pelos olhos cultos e novos do grande escritor, com a generosidade lúcida e o equilíbrio harmonioso da inteligência e da sensibilidade brasileira (Rego, 1955, p.5).

Quanto ao escritor viajante, a explicação para o livro é dada na abertura. Em seção intitulada "Israel é uma lição", JLR declara:

Alguns amigos resolveram publicar em livro algumas crônicas publicadas por mim em O GLOBO, a propósito de minha viagem a Israel. Sinal de que gostaram de minhas palavras, de tudo o que expressei sobre um fato de fácil constatação: a

grandeza de um povo que se comprime numa nesga de terra, a realizar uma obra que é bem um espanto do século (Rego, 1955, p.7).

Depreende-se da citação que José Lins do Rego tinha amigos no Centro Cultural e que coube a estes a decisão de ampliar a circulação desses textos, para além do efêmero público leitor de jornais. Não se pode desconsiderar que a última crônica dessa série, publicada em *O Globo* a 12 de setembro de 1955, antecede em três dias o momento no qual o escritor fora eleito à “imortalidade” da ABL. Além disso, encontramos no Fundo Gustavo Capanema, no Acervo do CPDOC/FGV, uma carta do Centro Cultural Brasil-Israel em papel timbrado, com sede na Rua do Rosário, no Rio, no qual José Lins figura como parte da Diretoria Executiva da instituição, na função de vogal, ao lado de Anísio Teixeira e Augusto Frederico Schmidt. Como a carta na qual consta o timbre é datada de 23 de fevereiro de 1957, ou seja, posterior à viagem e sete meses antes do falecimento de José Lins, não é possível identificar quando é que ele foi delegado à função.

A conversão de jornal em livro ganha uma série de incrementos: o texto vem acompanhado de diversas fotografias tiradas durante a estada do autor no país, o que reforça o cuidado editorial em torno do livro. Outro dado a ser comentado na edição consiste no seu caráter bilíngue, simultaneamente em português e em inglês. Isso leva a crer no esforço empenhado pelo *Centro* em aumentar o alcance da obra, com foco em leitores de língua inglesa em diversos países do mundo, e não apenas no Brasil. O tom de admiração é recorrente no decurso das dezenas de páginas. José Lins destaca as virtudes de um Estado, então com menos de uma década, e as qualidades de um povo, com milênios de existência. A beleza textual é realçada através dos contrastes entre as imagens desérticas e marinhas, evocadas pela paisagem rústica do Oriente Médio, de um lado, e pela orla azulada do Mediterrâneo, de outro.

O elogio à pátria judaica se dá basicamente de duas maneiras: o reconhecimento da presença evocadora da História naquelas terras, com todo o peso da tradição; e o reconhecimento de uma república moderna, ainda tão jovem, a se ajustar rapidamente aos novos ritmos do progresso. Tal dado fica evidente logo no início da narrativa, ao comentar sobre Jerusalém:

Deixamos o aeroporto nas proximidades de Tel Aviv para a subida a Jerusalém. O céu é o mais azul que já vi, e as primeiras terras, verdes, cobertas de laranjais. Vamos caminhando para as raízes da nossa fé, para a cidade que fora escolhida para a primeira capital de Deus. [...] / Há mais de dois mil anos que sobre Jerusalém caíram as fúrias do destino. Por aqui passaram os gregos, as legiões romanas de Tito, os exércitos das Cruzadas, as hostes muçulmanas. Até as pedras

choraram e de tanto chorar foram ficando em cima da terra como lágrimas cristalizadas. Pedras sobre pedras. Nem um pedaço de solo para o arado das searas de Booz. / Mas o homem de 1949 voltou a Jerusalém para corrigir as desgraças dos tempos. Então o gênio agrícola dos mestres agrônomos de Israel pegou da realidade brutal e se pôs a agir dominando os elementos. Pedras foram arrancadas e, através de plataformas furadas no dorso duro da serra, conseguiram os técnicos restabelecer a fecundação. Vinhais e laranjais se grudam aos rochedos como se fossem acrobatas de circo. E lá ficaram plantadas para o nosso assombro. A água se espalha pelos canos em esguichos que rodam no ar. [...]. (Rego, 1955, p.10).

Sem saber evidentemente o que aconteceria décadas depois, sobretudo a partir da conjuntura política sionista de 1967 em diante, a dezena de crônicas do livro oferece uma visão bastante generosa, positiva e esperançosa em torno de Israel. O denominador comum para tanto é a capacidade dos homens deste território de articular polos antagônicos da realidade humana, social e paisagística. Israel é um país novo, ancorado numa paisagem milenar; é uma nação pequena, capaz de absorver migrantes das mais diversas latitudes do mundo, perfazendo setenta e quatro países – refere-se aos judeus vindos do Iêmen, ao lado dos “loiros da Alemanha” e dos “morenos da Espanha”.

É um país conduzido pelas mãos da ciência e da técnica, mas não se esquece dos ensinamentos religiosos que lhe legou a Bíblia; é uma república onde todos falam inglês, mas que ao mesmo tempo ressuscita o hebraico em suas escolas. O fundamento que perpassa as observações entusiasmadas de José Lins do Rego diz respeito a esses termos antitéticos da vida israelense. Ao invés de sua anulação, natureza e cultura, poesia e política se alimentam mutuamente, de modo que o progresso não é visto de maneira apocalíptica. Ele é, ao contrário, a tábua de salvação em terra tão inóspita.

É assim que os técnicos, engenheiros e cientistas locais – os “mestres agrônomos” do Instituto Weizmann – são capazes de criar meios para o reflorestamento, para a irrigação e para o desenvolvimento da agricultura. Isto se dá em plena região desértica, erodida pelo tempo, que ocupa metade da extensão territorial de um diminuto país. A “terra adusta” transforma-se em trigais, em vinhedos e em campos de algodão: “a imagem áspera do deserto se mudaria em oásis sucessivos”, pois “a água se espalha pelos canos em esguichos que rodam no ar”. O cenário bíblico permite, no entanto, que continuem a existir hortos, estábulos, beduínos, camelos e carneiros. José Lins exalta:

[...] o que fazia gosto ver era o verde de roçados de alfafa, ali onde há pouco tempo só havia o miúdo para os rebanhos de cabras. A água que possibilitara aquela ressurreição vinha de quase cem quilômetros de distância. / [...] Os sábios de Israel conseguiram fecundar o deserto e assim arrancar de charnecas uma lavoura que

aos poucos irá adaptando-se à região. Os fosfatos do Mar Morto dão para ajudar a natureza que se esgotara em dois mil anos de abandono. (Rego, 1955, p.18).

Na outra ponta dessa exaltação, estaria o que José Lins considera serem os riscos da “racionalização total de sua vida”. As inseminações artificiais, as ordenhas mecânicas em animais, os hotéis americanizados para turistas, as repartições públicas, os automóveis e suas largas avenidas – tudo isto trazia a ameaça de tornar Israel um “país de laboratório”, espécie de “Suíça do Próximo Oriente”. À originalidade comprometida do país, o próprio JLR responde com argumentos que realçam a referida coexistência dos antagonismos, como vemos na passagem a seguir:

Tudo isto poderia nos acontecer se não fosse um livro que é o fundo poético de nossa alma. A Bíblia, que unificou o povo judeu na dispersão, é força para uni-lo na terra que reconquistou. Mesmo quando se deixa envolver pelo maior progresso, o judeu conserva o seu lastro lírico, as profundas camadas de sua vida. Um povo não se faz somente com máquinas que são maravilhas do homem, mas com sementes poéticas que florescem em seus corações. A Bíblia não só ensina a viver; ensina a cantar! O rei Davi, que é o nosso herói romântico, cantava como um rapsodo (Ibidem, pp.23-24).

Não se sabe se o título do livro foi cunhado pelo Centro Cultural ou pelo autor. Deve-se, entretanto, ponderar que a obra não corresponde a um “roteiro” no sentido mais usual do termo. O livro não oferece sugestões de lugares, tampouco dá dicas de comida ou fornece comentários sobre hospedagem. Não há preocupação em guiar o leitor num território desconhecido. No correr do texto, não se localiza qualquer informação sobre Tel Aviv, por exemplo, importante centro urbano e financeiro do país. Numa palavra, conforme sintetiza o pesquisador Glauber Pereira Quintão (2010), José Lins do Rego não vai à busca de *souvenir* para turista. Quer antes o “caminhar atento” e a “contemplação demorada”. Ainda assim, as crônicas conduzem seu público por diversos locais israelenses, o que indicia algum esboço de “roteiro”. Nota-se que ele começa e termina em Jerusalém, revelando o que parece ser para ele realmente importante.

No momento seguinte, o itinerário dirige-se ao sul do país. Passa por Beersheba, cidade industrial criada em 1953 que, segundo José Lins, era uma pequena vila árabe, e então fora “desencantada numa pequena Manchester”; atravessa o deserto do Neguev, contorna o Mar Morto e chega a Ashekelon. No retorno, tangencia a faixa de Gaza e sai novamente pela entrada de Beersheba. No outro dia, o programa destina-se ao norte e alcança a romana Cesareia e o grande porto de Haifa, locais igualmente históricos. Neste

último, sobressaem as refinarias de petróleo e um *pipeline*, por onde escoava o óleo outrora vindo do Iraque. Na sequência, visita-se Acre, no extremo norte, burgo à beira mar, que tem presença maciça de árabes “rústicos”, aglomerados em mesquitas e devotados à leitura do Alcorão. Acre fora, no passado, palco de lutas entre gregos, romanos, persas, cruzados e turcos, sendo estes últimos os responsáveis por rechaçar, naquele local, as tropas napoleônicas no seu regresso do Egito.

O roteiro contemplou ainda naquela tarde a visita a Sefad, cidade montanhosa, onde se aglutinam rabinos e místicos à espera do Messias. Centro também artístico, ocupada por pintores, é equiparada por José Lins à Ida, um centro de culto e de pensamento na Grécia antiga. O outro dia se estende pela Galileia, abarcando os pontos religiosos da passagem de Cristo: Magdala, a cidade de Maria Madalena, Cafarnaum e, por fim, a abençoada Nazaré. Lagos, ruínas e montes da paisagem bíblica são comentados. O rio Jordão, e suas obras de canalização, também recebem atenção técnica e poética do escritor-viajante.

A programação subsequente é alvo de comentários bastante efusivos por parte de JLR. Trata-se da ida a um *kibutz*. Neste caso, em especial, o autor menciona uma colônia agrícola-pastoril ao sul do país, fundada por migrantes brasileiros, o *Bror Chail*. A efusão atinge o seu ápice neste momento, ao abordar “a maior experiência que se faz no mundo em coletivismo”:

Passei o dia inteiro com os rapazes brasileiros. Queriam saber de tudo: de política, de futebol, de literatura. Deram-me até pão de ló com café e aquela quentura humana de casa brasileira. E quando as deixei, naquela tarde de sol se pondo nas lonjuras das fronteiras armadas, vieram-me lágrimas aos olhos. Aqueles rapazes estavam recompondo as obras de Deus, que os homens partiam a cada instante (Rego, 1955, p.32).

A maior parte das anotações do escritor está voltada para Jerusalém, a Terra Santa, recorrentemente tratada no início, no meio e no fim do livro. Se se trata do ápice, do momento de maior elevação poética da obra, é ao mesmo tempo o lugar de maior tensão, onde o conflito árabe-israelense fica mais exposto. José Lins reconhece: “Israel vive, de dia e de noite, com o dedo no gatilho, na expectativa de assaltos que se repetem” (Ibidem, p.25).

Estamos às portas de Jerusalém. A cidade refeita volta à sua vida de centro urbano. Do terraço do hotel podemos ver o outro lado da fronteira. A cidade velha permanece quase toda nas mãos dos árabes. O túmulo de Davi, parede-meia com as fortificações da Jordânia. O vale do inferno separa os dois poderes políticos. Somente a estupidez humana conceberia tamanha vergonha na relação entre os

povos. O sol se vai aos poucos e uma luz moderada se põe em cima das pedras acinzentadas da velha cidade de Davi. Saímos para passeio a pé. A duzentos metros está a terra santa de Cristo. Mas, metralhadoras árabes nos embargam os passos. Do alto podemos ver o horto das oliveiras. A cidade muçulmana se espalha pelas encostas do monte Sião (Ibidem, pp.10-11).

Em 1955, quando as crônicas foram escritas, a “cidade velha” de Jerusalém estava sob domínio dos jordanianos. Sendo assim, observa José Lins, “passaporte visado em Israel era papel condenado para as autoridades da Jordânia”. Após instantes de negociação, o escritor consegue adentrar a parte dominada pelos árabes. Peregrina ao lado de cabras, jumentos, carneiros e pastores de cajado, no interior da velha cidade. Faz o périplo da “via sacra”, que culmina na basílica do Santo Sepulcro. Ainda daquele lado da cidade, avista o Monte das Oliveiras, toma um carro e anda vinte quilômetros até chegar à outra região sagrada, Belém, onde contempla a manjedoura em que Cristo nascera.

O relato de Jerusalém é marcado, portanto, pelos sinais de um conflito latente, decorrência de ressentimentos acumulados em dois mil anos: “De vez em quando a carcaça de um tanque de guerra de libertação aparece à beira da estrada como os ossos de um crime preparado pela malignidade dos homens” (Ibidem, p.10):

Cercas de arame farpado grudam-se às paredes e as marcas das metralhadoras e das bombas ainda se mostram nas torres. Há uma paz de trégua. Os soldados da Jordânia dão guarda nos buracos dos muros. Ao primeiro choque disparam armas automáticas e corre o sangue dos homens. (Ibidem, p.21).

Conclusão

Sem negar, dessa maneira, a latência de um Estado beligerante, a obra de José Lins do Rego constitui uma ode à saga do povo judeu e a exaltação das realizações então em curso no território israelense em meados dos anos 1950. Junto aos demais escritores tratados neste artigo, *Roteiro de Israel* conforma uma visão positiva e promissora de um país em construção, que caminha na senda exitosa do progresso, sem perder de vista seu elo originário com o passado mais ancestral. Essa constatação, vinda de escritores aclamados no Brasil, como Érico Veríssimo e José Lins do Rego, conforme procuramos sustentar ao longo desse texto, ia ao encontro dos objetivos do Centro Cultural Brasil-Israel, bem como de outras instituições da comunidade judaica no Brasil. O propalado “intercâmbio cultural”, que apoiava a visita de literatos brasileiros consagrados, contribuía para uma política de edificação da imagem e de favorecimento desta perante a opinião pública.

Assim, o presente artigo teve por finalidade levantar informações sobre o modo como a política sionista-semita atuou no plano da literatura e como esta, à época, era caudatária de uma cultura periodística, que permitia a projeção pública e a produção literária sistemática por meio dos jornais. No caso em específico, procurou-se compreender a maneira pela qual determinadas personalidades literárias no Brasil vieram a forjar certas representações de país, em viagens decorrentes do prestígio auferidos por esses mesmos escritores junto a entidades judaicas brasileiras. As obras nacionais resultantes do apoio institucional e financeiro de viagem àquele Estado, durante as décadas de 1950 e 1960, foram exemplos que permitiram alcançar tal intento. José Lins do Rego, cronista regular de diversos periódicos da capital da República nos anos 1940 e 1950, foi o principal autor que mobilizamos para mostrar as intersecções entre jornalismo, vida literária, diplomacia cultural e política no Brasil do período consecutivo à Segunda Guerra Mundial.

Obras citadas

- Araújo, R. B. (1994) *Guerra & paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 1930*. São Paulo: Editora 34.
- Assis, L. L. (2010) 'Érico Veríssimo: um 'pintor' brasileiro em Israel', *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, vol. 1, n. 6.
- Cascudo, L. C. (1984) *Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Centro Cultural Brasil-Israel (1957) *Carta a Gustavo Capanema*, 23 de fevereiro. Acervo CPDOC, Fundo Gustavo Capanema, GC 1 1956.06.00/2. Available at: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=ARQ_GC_L&pesq=%22lins%20do%20rego%22&pagfis=12192 (Accessed: 8 April 2020).
- Hollanda, B. B. B. de. (2004) *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional.
- Hollanda, B. B. B. de. (2012) *ABC de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio.
- Ivo, L. (2004) 'A prosa reencontrada', *Revista Brasileira*, fase 7, n. 40.
- Koifman, F. (2015) *Imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Matos, R.; Hollanda, B. B. B. (2019) 'Cidade, história e segregação socioespacial no romance *O moleque Ricardo* de José Lins do Rego', *Revista do IEB*, São Paulo, Universidade de São Paulo/USP, n. 72, p. 106-124.
- Matos, R.; Hollanda, B. B. B. (2020) 'Conversas de lotação: política, cidade e cotidiano nas

- crônicas cariocas de José Lins do Rego', *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 43, p. 238-265.
- Quintão, G. P. (2010) 'José Lins do Rego: um guia brasileiro em Israel', *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, vol. 1, n. 6.
- Meireles, C. (1999) *Crônicas de viagem*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Menezes, F. A. R. (2010) 'Deuses sobre as pedras: Guilherme de Figueiredo em Israel', *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Dossiê Israel: literatura, arte, cinema, vol. 4, n. 6, 2010.
- Rego, J. L. (1945). 'Carne de judeu', *O Globo*, 28 maio, p. 2.
- Rego, J. L. (1945) 'Heine salvará a Alemanha', *O Globo*, 12 junho, p. 3.
- Rego, J. L. (1946) 'Goethe vencerá Nuremberg', *O Globo*, 3 outubro, p. 3.
- Rego, J. L. (1946) 'O carrasco não curou a doença', *O Globo*, 18 outubro, p. 3.
- Rego, J. L. (1947) 'O judeu como imigrante', *O Globo*, 27 novembro, p. 3.
- Rego, J. L. (1949) 'Israel ressurgiu', *O Globo*, 28 maio, p. 8. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=194019490528>. Acesso em: 13 abril 2020.
- Rego, J. L. (1955) *Roteiro de Israel*. Rio de Janeiro: Edições do Centro Cultural Brasil-Israel.
- Roth, C. (1967) *Enciclopédia judaica – A a D*. Rio de Janeiro: Tradição, vol. 1.
- Santos, L. M. B.; Hollanda, B. B. B. de. (2017) 'A crônica esportiva como missão: José Lins do Rego, a construção do Maracanã e o significado da Copa do Mundo de 1950', *Revista Fúlia*, Belo Horizonte, vol. 2., n. 3, p. 9-38.
- Silva Melo, A. (1961) *Israel: prós e contras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Veríssimo, E. (2010) *Israel em abril*. São Paulo: Companhia das Letras.